



Rev. Dr. Marcos Roberto Inhauser

Fone: (0XX19) 2121 5853 escrit. / 99798 6955 cel

www.inhauser.com.br / marcos@inhauser.com.br

www.pastoralia.com.br

TEXTO PUBLICADO NA COLUNA SEMANAL NO CORREIO POPULAR

MAMADEIRA DE JILÓ

Marcos Roberto Inhauser

Não sei se é sinal dos tempos ou de minha caminhada à velhice. Tenho me impressionado com o número de pessoas azedas que encontro por todo canto. Elas estão a reclamar de tudo e de todos.

Por outro lado, estou em um dilema: ser crítico e não se acomodar com as coisas é ser azedo? Seria condição para ser jornalista ou colunista o ter tomado mamadeira de jiló na infância? Ou é dom divino ser Polyana, a que via tudo cor-de-rosa (a nova revisão ortográfica permite esta hifenização?), tudo maravilhoso? Quem está certo: o Lula e sua pregação ufanista, com o bordão “estou convencido de que, nunca na história deste país”, ou a do Jabor a destilar fel e ironias todos os dias? Ou estaria melhor o Macaco Simão ao fazer troça de tudo e todos e levar a vida com colírio alucinógeno?

Neste caminhar de dúvidas, tem me vindo à mente a história bíblica dos murmuradores que, tendo saído da escravidão egípcia, encontravam-se no deserto e reclamavam de tudo. Ora a comida, ora água, depois os dirigentes, ou o sol escaldante, ou o frio noturno. A figura dos murmuradores são típicas de quem tomou mamadeira de jiló na infância. Nada os satisfaz, sempre tem algo a dizer que está faltando, etc. Uma coisa interessante na história bíblica é que os murmuradores nunca entraram na terra prometida. Isto acontece até hoje: quem murmura, quem é poço de azedume, sempre estará atento aos detalhes da imperfeição e nunca aprenderá a desfrutar da beleza do que existe e é possível. Murmuradores não desfrutam de mel e leite porque tomaram gosto pelo jiló das mamadeiras. E como diz o ditado, “há quem goste dos olhos e quem da remela”. Murmuradores deixam de desfrutar dos olhos lindos para buscar a remela.

Na outra ponta está a Polyana, cega aos detalhes, às implicações mais abrangentes dos atos e fatos. Veem marolinha, quando deveriam se preparar para tsunamis. Incentivam a compra quando o mundo pede cautela nos gastos. Mantem os juros quando o mundo os está rebaixando. Aumenta o gasto público quando a prudência e a sabedoria exigem cortes.

Entre os dois polos há quem se orgulhe do espírito do brasileiro que faz piada de tudo. É a natureza “macacosimoniana” de esculhambar, como forma de não encarar, de não enfrentar. Sátiras, ironias, trocadilhos para tudo e todos. Mal o Senna tinha acabado de morrer e já havia piadas sobre sua morte. O mesmo para os Mamonas Assassinas, outro exemplo da esculhambação tanto nas suas letras e shows, como nas piadas sobre o acidente.

Ainda não me defini, mas acho que também tomei umas duas ou três mamadeiras de jiló na infância, não ao ponto de tomar gosto e recusar as outras.